



das filarmónicas aos conjuntos

a música popular em Torres Novas (1854-1974)

Museu Municipal Carlos Reis

6 de abril a 29 de setembro 2024



A música do mundo

Juntar sons, ritmos, palavras, melodias, instrumentos, danças, é marca dos primórdios das sociedades humanas, num *continuum* evolutivo com particular destaque nas culturas do Oriente antigo e da Antiguidade Clássica.

Nos contextos culturais europeus do Renascimento emergem expressões populares da música e da dança, quer nos meios rurais quer nos ambientes urbanos pré-industriais, que se vão afastando da presença da música de cariz religioso, dominante no espaço público em procissões e outras solenidades, e da música erudita, privilégio da aristocracia e das elites urbanas burguesas.

Nos finais do século XIX, a criação popular começou a sedimentar aquilo que etnógrafos e folcloristas chamarão músicas e cantares tradicionais, assinalando a universalidade de práticas de sociabilidade e aculturação em torno da música e da dança e a sua função na definição das identidades locais e regionais.

Da massificação das práticas musicais, ligadas agora às necessidades de entretenimento e recreio das populações operárias dos meios urbanos industriais e também das economias camponesas, surge triunfante, emancipador e magnífico, o movimento filarmónico. A música e a dança massificavam-se nos meios populares, desdobrando-se em outras formas de expressão como as tunas e o orfeões, os jazzes e as orquestras ligeiras, para tudo desembocar, a partir da década de 50 do século XX, na música "elétrica" adoptada pela juventude europeia e americana.

Filarmónica desfilando
no Largo do Poço, em Lapas,
início do século XX



Das filarmónicas aos conjuntos

a música popular em Torres Novas (1854-1974)

Limitada às funções religiosas e, já em finais do séc. XVIII, às serenatas e óperas nos solares e palacetes da aristocracia e na corte, a música, na sua dimensão erudita, tem em Portugal um momento decisivo com a criação, em 1834, do Conservatório de Lisboa, na sequência da revolução liberal.

Se no mundo rural se sedimentavam expressões de música e canto que o folclore e a etnografia vão desvendar no final do século XIX, nas vilas e cidades a música sai esporadicamente à rua com as charangas dos regimentos militares e dos batalhões populares.

Com a criação das filarmónicas, na segunda metade do século XIX, a música é finalmente uma expressão popular laica e festiva: popularizam-se valsas, polcas, mazurcas, marchas e passo-dobles e outros géneros, e são as bandas filarmónicas que vão massificar as ré-

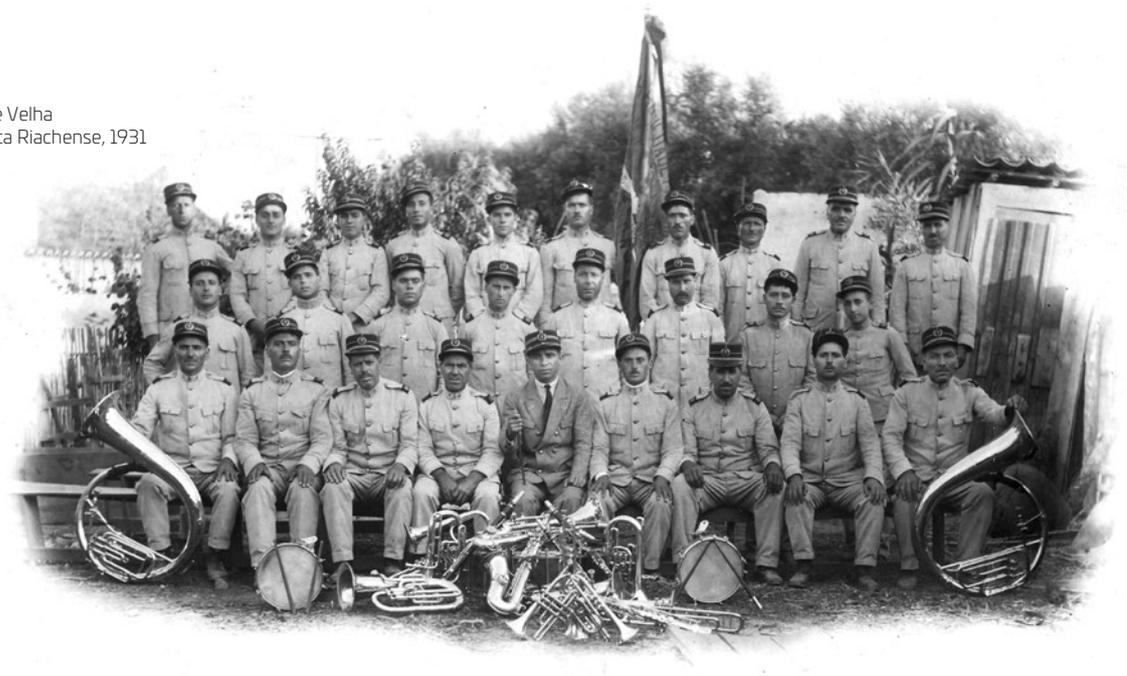
eitas e os bailes, que passam a ser o divertimento, por excelência, das festividades cívicas e das festas populares e religiosas.

Em 1854, a Filarmónica Torrejana fazia da antiga Casa da Enfermaria da vila a sua sede – estávamos no início da “era das filarmónicas”, também no concelho de Torres Novas. Nos 120 anos seguintes, à comunidade dos “philarmónicos”, que já eram centenas no concelho de Torres Novas na passagem do século, iriam juntar-se as tunas e os “jazzes”, os músicos populares dos grupos etnográficos, as orquestras ligeiras e, já no meio do século XX, os “conjuntos”, que em Portugal deram forma ao ié-ié, à música Pop e outros géneros da moderna música popular de que a juventude, também a torrejana, adoptou como sua. Depois de 1974, a história seria outra, também em Torres Novas.



A Banda Operária Torrejana, nesta altura “banda dos operários da fábrica”, 1905

Sociedade Velha
Filarmónica Riachense, 1931





Sociedade União Meiaviense (SF Euterpe Meiaviense), década de 20 do século XX

As filarmónicas no concelho de Torres Novas

A época áurea das filarmónicas é, indubitavelmente, a que decorre de 1850 a 1890, coincidindo com a Regeneração. De facto, entre 1850 e 1880 são fundadas as mais antigas filarmónicas portuguesas.

No concelho de Torres Novas destaca-se, ainda na década de 50 do séc. XIX, a formação da Filarmónica Torrejana, que em 1854 já ocupava como sede um edifício cedido pela câmara e em 1860 e anos seguintes participava na procissão do Corpo de Deus, saindo à rua em diversos outros acontecimentos locais. Antepassada direta da Banda Operária Torrejana, é esta a filarmónica mais antiga do concelho em atividade, embora os seus estatutos oficiais datem de 1873.

Das dez filarmónicas históricas que acabaram por singrar no concelho de Torres Novas, apenas a de Vila do Paço (Carrascos) se extinguiu precocemente. Todas as outras, embora com momentos de suspensão de atividades, acabaram por manter-se: em meados dos anos

90 do século XX, antes da suspensão de atividades da filarmónica de Árgea, estavam vivas nove filarmónicas no concelho de Torres Novas. Hoje, com a reativação da filarmónica Ribeirense, estão em atividade oito das dez filarmónicas fundadas desde os anos 60 do século XIX. Estão extintas as bandas de Vila do Paço e de Árgea.

Cronologicamente, são assim alinhadas quanto à data de fundação: Sociedade Filarmónica de Carrascos (Vila do Paço), c. 1860; filarmónica do Centro Musical de Outeiro Grande, c. 1864; Sociedade Filarmónica União Matense, 1870; Filarmónica Torrejana, actual Banda Operária Torrejana, 1873 (data dos estatutos, mas com início de atividade na década de 50 do século XIX); Sociedade Filarmónica União Pedroguense, 1874; Sociedade Instrutiva e Recreio Musical Argense, 1875; Sociedade Velha Filarmónica Riachense, 1884; Sociedade Filarmónica Euterpe Meiaviense, 1896; Sociedade Filarmónica Lealdade União Ribeirense, 1900; e Sociedade Musical União e Trabalho (Lapas), 1920.

As filarmónicas: cultura e identidades

As filarmónicas assumem um lugar de excepcional relevo não só na história da música, mas também na história da cultura em Portugal. Sobretudo nas áreas rurais do país e cobrindo praticamente todo o território, elas foram agremiações de acesso à cultura musical, escolas de música, centros culturais de instrução e recreio agregando atividades como o teatro popular ou pequenas bibliotecas e ainda pólos de dinamização cívica e associativa, transformando-se em bandeiras identitárias das comunidades.

Os jazzes

Em 1943, João Luís Carvalho, um jovem de 22 anos torneiro na Metalúrgica Costa Nery e que tinha aprendido música na Banda Operária Torrejana, saiu pela primeira vez, fardado a preceito, no concerto do “Cinco de Outubro” de 1931, tinha apenas 11 anos.

Nesse início dos anos 40, João Luís e alguns amigos músicos divertiam-se pelos muitos bailes que se realizavam nas localidades em redor e aldeias do concelho. Aqui e ali, instrumentos a tiracolo, improvisavam tocatas e folias.

Em 1943, surgia oficialmente o “Alegria Jazz”, iniciativa de João Luís Carvalho e do seu amigo António Leão, pedreiro, tocador de trompete. Completavam o quinteto Joaquim Charneca “Charlot”, também torneiro na Metalúrgica Costa Nery, que tocava clarinete, José Cardoso, militar na Escola Prática de Cavalaria, acordeonista, Fernando Alva, empregado da fábrica de fição e tecidos, na bateria, e Henrique Hernandez, empregado nos armazéns Grandella, no trombone.

Eram músicos experientes, três deles com a “escola” da filarmónica, um com formação musical do exército e Fernando Alva, o baterista, homem de muitas e variadas artes, antigo guarda-redes do Torres Novas Football Club, sempre presente em récitas e teatros, e que também tocava piano, pifaros e flautas.

As actuações no Club Torrejano foram uma espécie de alvará artístico para o “Alegria Jazz”, que começou a ser mais procurado para festas e bailes na região. Em 1953/54, depois de uma década a animar salões e coretos, o “Alegria Jazz” dava por findo o seu tributo local à música.

Os primeiros jazzes tinham surgido no início do século, muitas vezes como grupos formados no seio das filarmónicas.



A tuna de Emídio Araújo (BOT), c. 1910



Alegria Jazz, de Torres Novas: João Luís Carvalho, Joaquim Charneca, José Cardoso, Fernando Alva, Henrique Hernandez e António Leão, 1943



Grupo Musical Allegria Jazz, de Riachos: Martinho Oliveira, João do Carmo Ferreira, Alfredo Pereira, Carlos Simões, Jasmim Carvalho, Alfredo da Luz e Júlio Chora, finais da década de 50 do século XX

Tunas e orquestras

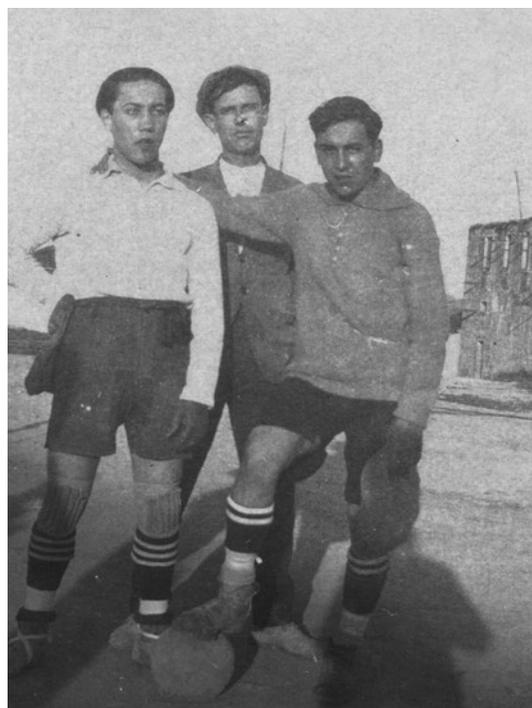
Ativa no início do século XX, a Tuna Torrejana terá sido fundada ainda no final do século anterior, tendo sido o primeiro agrupamento instrumental popular a surgir em Torres Novas no âmbito da música não erudita. Foi dirigida por Manuel Lopes dos Santos e saiu à rua em 9 de Outubro de 1910 para saudar a República, num ano em que já não existiam as outras três tunas na vila – apenas a Filarmónica Torrejana.

Depois da Academia Artística (1900), de pouca duração, da Sociedade 15 de Abril (1900), também de vida efémera, e da Tuna Comercial Torrejana (1905), surge fundado em 1915, na esteira da Tuna Torrejana, o Grupo Musical Torrejano, pequena orquestra que animava festas (começou por participar em saraus culturais de música e também em conferências de literatura nos anos 30, em Torres Novas) e apoiava a componente musical de peças de teatro, tendo acompanhado algumas vezes o Orfeão Torrejano. Tinha regência de Manuel Antunes dos Santos, integrando José Lopes dos Santos, Manuel Luís Ferreira e Manuel Lopes dos Santos (violinos), Joaquim Pereira Borga e Artur Arez de Vasconcelos (violoncelos), João Carvalho Pais (flauta), Heitor Araújo (trompete), Joaquim Esteira (trombone), José Castilho Rodrigues (piano), padre José Maia dos Santos (órgão), Manuel Maia dos Santos (rabcão) e Fernando Alva (baterista).

Em 1919 surgia a tuna do Grémio Recreativo Torrejano, regida pelo maestro João Lopo, regente da antiga tuna da Sociedade 15 de Abril, a quem se juntavam Francisco Simões (bandoleta), José Santo (bandolim), Francisco da Silva e José Martins da Silva (clarinetes), Abílio Quitério, Joaquim Vieira Junior e Manuel Raimundo (viola), Joaquim Ferreira Lopes (violino) e José da Silva Linha (flauta).

Em Riachos, cerca de 1920 e ligada à filarmónica riachense, era constituída a Tuna Riachense, que não durou muitos anos. Contemporânea é também a Tuna Meiviense, que tinha casa própria de ensaios onde é hoje o teatro Maria Noémia. Muito próximo, existiu a Tuna dos Pintainhos, ainda ativa nos anos 40. Finalmente em Árgea, uma dissidência na Sociedade Musical Argense, também nos anos 30, deu origem à “Tuna dos Quarenta Maiores”, que atingiu grande notoriedade na região.

Fernando Alva, o homem orquestra



Fernando Alva, com os amigos Francisco Tavares e José Borralho

A partir de 1915/1920, parece não ter havido nada em Torres Novas sem a participação de Fernando Alva: futebol, récitas, teatros, tertúlias várias. Empregado na fábrica de Fiação e Tecidos, fora guarda-redes de equipas de futebol torrejanas até chegar às balizas do Torres Novas Foot-ball Club, de que foi atleta federado e guarda-redes titular. Músico polifacetado, integrou o Grupo Musical Torrejano em 1915, cantou em coros, nos anos 40 era co-fundador do “Alegria Jazz”, tocando bateria. Também tocava piano, pífaro e flautas. João Espanhol dizia que Fernando Alva conseguia fazer bailes sozinho, tocando à vez vários instrumentos.

[Na foto, Fernando Alva é o primeiro da esquerda.]



Tuna Meiviense, Meia Via, 1927



Tuna Torrejana, Torres Novas, c. 1920

A música tradicional

A origem dos primeiros grupos folclóricos em Portugal, ou pelo menos das primeiras representações folclóricas, remonta aos finais do século XIX, com particular destaque no norte do país. Nas primeiras décadas do século XX, o movimento ganha maiores contornos, para se consolidar na segunda metade dessa centúria, em parte sob o impulso das políticas culturais do Estado Novo para o mundo rural. Na região, a criação de agrupamentos folclóricos é mais tardia: em 1956, surge o Grupo Académico de Danças Ribatejanas, iniciativa do etnógrafo e folclorista Celestino Graça, que dinamizaria uma boa parte dos ranchos ribatejanos. Nesse mesmo ano de 1956, que coincidiu com a III Feira de Santarém, surgiam os agrupamentos de Almeirim e Cartaxo. Em Torres Novas, o movimento ganhou expressão com o surgimento dos ranchos folclóricos de Torres Novas e de Riachos, ambos fundados em 1958. Acompanhando as danças, a música de raiz tradicional, resultante de um processo de folclorização, subia finalmente aos palcos depois das filarmónicas, das tunas e dos "Jazzes".



Capa de LP do Rancho Folclórico de Torres Novas



Capa de LP do Rancho Folclórico "Os Camponeses" de Riachos

Rancho Folclórico de Torres Novas, década de 60 do século XX



Coros e orfeões

A fundação do Orfeão Torrejano, cuja apresentação pública teve lugar no antigo Teatro Virgínia, em 1 de junho de 1924, deveu-se ao padre José Maya dos Santos, músico, musicólogo e compositor que marcou a história da música em Torres Novas durante décadas. O Orfeão apresentava-se com 95 vozes, todas masculinas, e durante a sua existência percorreu o país em jornadas de cultura e convívio musical.

Com a morte do padre Maya dos Santos, em 1957, o Orfeão entrou em declínio. Nesse mesmo ano funda-se o Choral Phydellius, sob a influência de Fernando Cardo-

so, discípulo de Maya dos Santos, e também ele músico com formação no seminário. Inicialmente apenas com vozes masculinas, o Phydellius abria as suas portas às mulheres logo no início dos anos 60 e cedo se transformou num dos mais categorizados coros de Portugal.

Mas, em 1965, uma dissidência interna no Choral Phydellius deu origem ao Coro de Torres Novas, que durante uns anos tentou transformar-se numa associação mais vasta, integrando atividades teatrais e suscitando a apoio à música moderna, agregando a música Pop com os "Kalyfas", mas a sua vida seria breve.



Orfeon Torrejano, década de 30 do século XX



Elementos do Choral Phydellius, Torres Novas, década de 60 do século XX



José Maya dos Santos

Natural de Torres Novas (1884-1952), paroquiou várias freguesias, foi jornalista, professor do seminário de Santarém, mas destacou-se como compositor e musicólogo. Fundou o Orfeão de Guimarães e em 1923 o Orfeão de Torrejano, que dirigiu e para quem compôs peças musicais e fez arranjos de tudo o que o coro cantava: temas tradicionais portugueses, para além das músicas da sua autoria como "Rio Almonda", "Madrigal", "Embaló", entre muitas outras. O Orfeão percorreu o país, também na sua segunda vida, a partir de 1946, com atuações difundidas ou gravadas pela Emissora Nacional.

Primórdios da música pop: a década de 60

Em França, no Brasil, em Portugal, o termo ié-ié vai servir para nomear a música moderna que estava a nascer, uma mescla de géneros musicais cruzados que ia de algumas tendências rock à pop, à nova música ligeira francesa ou italiana, mas também para identificar ritmos e formas de dançar.

Em Torres Novas, o apelo da música pop, avidamente escutada na televisão, na rádio e nos discos que chegavam à única loja que os vendia na vila, era talvez a expressão mais viva de um sentimento novo que despontava entre os jovens.

Por esta altura já o “Níger” era uma instituição da música moderna de baile na região. Desde 1955, o agrupamento liderado por João José Lopes, embora cavalgasse a onda da música moderna, percorria ainda os territórios da música ligeira francesa e italiana, os êxitos da música espanhola ou latino-americana.

Por volta de 1963, existia um conjunto musical que expressava a música moderna que chegava, por poucas vias, a uma pequena vila como era Torres Novas: “Os Jotas”, um “grupo de elite” só realizava exibições para os próprios e os amigos. No outono de 1963 “O Almonda” dá conta de uma “sensacional exibição” de “Os Jotas” no cinema Roma, em Lisboa.

Em 1964, João Julião, João Luís Alves, Joaquim Sousa Varela e Guy Almeida formaram os “Kalyfas”, como secção de música moderna do Coro de Torres Novas. O grupo acabaria em 1969 por vários dos seus membros terem sido mobilizados para a guerra colonial.

Conjunto Kalyfas, Torres Novas:
Joaquim Varela, João Julião,
Rui Venâncio e João Luís, 1966



Conjunto Níger, Torres Novas: Abel de Sá, Agostinho Benoliel, Jaime do Rosário, Francisco de Freitas “Campainheiro” e João José Lopes “Espanhol”,
década de 60 do século XX

Ainda em 1964, na Meia Via, surgem “Os Gringos” que em 1967 contavam com Vítor Paixão, Armando Maia, Luís Mendes, José Vítor Vicente e António Espalha. Os primeiros espetáculos, ainda em 1965, foram realizados na Meia Via, no salão de festas da Sociedade Euterpe, na casa da Tuna e na festa anual da aldeia.

Corria o verão de 1968 quando, na cabeça do jovem lapense Mário Marques, a ideia da formação de um conjunto se tornava quase uma obsessão. Vítor Duarte, jovem aprendiz de carpinteiro na Casa Pataratas, ficou entusiasmado com a ideia e com ele nasciam os “Supersónicos”, com Vítor Duarte “Xarepa” (vocalista), José Francisco Nicolau (baterista), mais tarde José Acácio Martins, Luís António Gonçalves “Beatles” (clarinete solo), depois José Luís Nicolau, Manuel Maria (viola de acompanhamento) e Joaquim José Caranquejeiro (saxofone solo).

Ainda em 1968, surgia a “Academia Pop”. A Mário Abreu juntavam-se Jorge Pinheiro, José Manuel Fanha nas teclas, José Vicente na bateria e José Simões, na viola baixo. A “Academia Pop” tocava versões dos “Beatles”, dos “Beach Boys” e dos “Rolling Stones”. Teve vida efémera, mas antes do fim assistir-se-ia à saída de Jorge Pinheiro e à entrada de António Correia.

No mesmo ano de 1968, mas em Riachos, João do Carmo (João da Vaca), carpinteiro de moldes nos Lourenços, e José dos Reis, empregado na UNITAL, decidem formar um conjunto. Dão-lhe o nome da jovem Nayr, filha da professora Carmen Padilha. De início, o conjunto tocava marchas e valsas, passo-dobles e chá-chá-chás. Foram o primeiro conjunto a ter uma rapariga como vocalista: Helena Costa Vieira.

Conjunto Os Gringos, de Meia Via: António Espalha, Vítor Paixão, Luís Mendes, Armando Maia e José Vítor Vicente, 1964



Conjunto Auditório, de Lapas: António Correia, Vítor Duarte “Xarepa”, José Acácio, Carlos Faria e Constantino Formigo, 1971

Niger

Conjunto fundado em Torres Novas em 1955 por João Miguel Frazão e João José Lopes (“João Espanhol”), a que se juntaram, Humberto Carlos Canais e outros músicos amadores. A primeira atuação aconteceu no Carnaval do Club Torrejano, com um cachet de 3.600 escudos, e subiram ao palco João Miguel Frazão (viola e bandola), Francisco de Freitas “Campainheiro” (rabeção e saxofone), Jaime do Rosário (banjo), Humberto Canais (banjo), Clementino (baterista), Manuel Joaquim (vozes) e João José Lopes (voz). O conjunto alcançou elevado nível técnico para a época com a entrada de Abel de Sá (piano, teclas, contrabaixo) e de Agostinho Benoliel “Mulato” (guitarra eléctrica). Por volta de 1960 era presença habitual em grandes festas e nos casinos, tocando ombro a ombro com os melhores conjuntos portugueses da época, Jorge Machado e Shegundo Galarza. Rapidamente começou a ser requisitado para cumprir épocas balneares inteiras nos casinos da Nazaré, Caldas ou Armação de Pêra. Conjunto de versões e abarcando um repertório generalista capaz de se adaptar a diferentes tipos de eventos, o conjunto Níger transformou-se numa instituição e durou quase 50 anos: terá sido o conjunto musical português com maior longevidade. Durante o longo trajeto da sua existência passaram pelo Níger, o mais conhecido conjunto musical de sempre em Torres Novas e na região, ainda outros músicos como Manuel Marques, Abel Vieira Lopes, João Maria Repolho, José Carlos Leirião, António Viana, Rogério Gouveia e Olímpio, António Vieira da Silva, Constantino Formigo, Abílio, Tocha e João Caroch, José Manuel Lopes, Sérgio Poupado, Pedro Pedroso e José Acácio, José Manuel Correia e Armando Ramos.

Kalyfas

Conjunto histórico e pioneiro da música moderna em Torres Novas, formado em pleno período ié-ié. João Julião, João Luís Alves, Joaquim Sousa Varela e Guy, quase todos estudantes, juntaram-se para tocar músicas dos Shadows e dos Beatles e, de quando em vez, composições próprias, instrumentais, da autoria do guitarrista João Julião. Passaram também pelo grupo os bateristas Rui Venâncio e António Inácio, José Galamba e Eduardo Galamba, Mário Abreu, Carlos Nicolau e Vítor Paixão, para além de José Manuel Correia, em 1969. OS KALYFAS participaram no concurso de música moderna do cinema Monumental, em Lisboa, em 1965 e, como secção do Coral de Torres Novas, estiveram na base da organização do Festival de Ritmos Modernos, no Virgínia, ainda em 1965, um dos primeiros festivais de música moderna do país fora de Lisboa. Acabaram em 1969 devido à mobilização de quase todos os seus membros para o serviço militar e alguns deles para a guerra colonial.

Conjunto Kalyfas, Torres Novas: José Galamba, Mário Abreu, Carlos Nicolau, Eduardo Galamba e Inácio Ferreira, 1966

Conjunto Niger, Torres Novas: José Manuel Correia, Manuel Marques, João José Lopes, António Silva e Jaime do Rosário, 1971



João José, o cantor de Torres Novas

“João José”, nome artístico de João José Lopes, ou “João Espanhol” (1929-2019), cantor popular torrejano que começou por integrar o Orfeon Torrejano e, esporadicamente, o Coral Phydellius. Cantou igualmente no Grupo Musical Torrejano, herdeiro da Tuna Torrejana. Em 1953, depois de ter vencido todas as eliminatórias, sagra-se vencedor do concurso nacional “À procura de uma estrela”, levado a cabo pelos “Companheiros da Alegria”, de Igrejas Caeiro, num concurso que envolveu 200 espetáculos e 6000 concorrentes. Integra a companhia de variedades “Companheiros da Alegria”, sediado no teatro da Trindade, em Lisboa, e obtém a carteira de cantor profissional. A extinção da companhia, em resultado da perseguição política de Salazar a Igrejas Caeiro, um opositor da ditadura, obriga João José a regressar a Torres Novas. Funda o conjunto Niger, de que é vocalista entre 1955 e 2000.



Os Gringos

Grupo pop-rock formado em Meia Via, Torres Novas, em 1964, por Vítor Paixão (voz), Armando Maia, Luís Mendes, José Vítor Vicente e António Espalha, mas por ele passaram nomes como José Manuel Correia (guitarra solo) e José Manuel Fanha (teclas), para além de José Smith (bateria). Conjunto pioneiro da nova música pop em Torres Novas, juntamente com os KALY-FAS, participou no grande concurso de música ié-ié do Cinema Monumental, em Lisboa, em 1965.



Conjunto Os Gringos, Meia Via: José Manuel fanha, José Manuel Correia, Vítor Paixão, Armando Mais, Luis Mendes e José Vicente, 1967

Auditório

Conjunto musical de pop fundado em Lapas, Torres Novas, em 10 de Junho de 1971. Pela primeira fase do conjunto passaram músicos como Vítor Duarte “Xarepa” (guitarra e voz), Luís António Gonçalves “Beatles” (teclas), José Acácio Martins (bateria), Rogério Gonçalves (voz), António Correia (guitarra), José Manuel Brites (baixo), Constantino Formigo (baixo), José Manuel Lopes (guitarra), João Maria Repolho (teclas) ou Carlos Faria. A formação fixou-se depois durante algum tempo com um quinteto base constituído por Vítor Duarte “Xarepa” (guitarra e voz), José Acácio Martins (bateria), Constantino Formigo (baixo), José Manuel Lopes (guitarras) e João Maria Repolho (teclas). O conjunto suspendeu a atividade no início dos anos 80.



Conjunto Auditório, de Lapas: Vítor “Xarepa”, José Acácio, João Repolho, Rogério Gonçalves, José Manuel Lopes e Constantino Formigo

Flor do Almonda

Agrupamento musical formado em Lapas, Torres Novas, em 1958, ligado à Sociedade Musical União e Trabalho (SMUT), a filarmónica lapense, resultado da vontade de um conjunto de músicos da banda: Ramiro Duque (trompete), José Calado (clarinete), Joaquim Maria (saxofone alto), António Cambé (saxofone tenor), Florentino Emílio (trombone), Cesário Cambé (bateria), e Lourenço Calado e Sérgio Calado (vocalistas). A sua primeira atuação realizou-se em 15 de Agosto de 1958. O conjunto da SMUT era o segundo grupo musical da fase moderna em Torres Novas, a seguir ao Níger. Cerca de dois anos mais tarde, verificou-se um processo de modernização do agrupamento, suscitado por alguns músicos mais novos da velha banda. Ostentando também a sigla da filarmónica, SMUT, o conjunto FLOR DO ALMONDA seria agora constituído por Francisco Paiva (bateria e saxofone), Sérgio Calado (voz), Ramiro Duque (trompete), António Cambé (contrabaixo), Rafael Fernandes (saxofone tenor), Joaquim Maria (saxofone alto) e José Manuel Ribeiro (acordéon), este o único que não tinha sido músico da filarmónica. Para além dos tangos, dos boleros ou das valsas, o grupo integrou também a nova canção italiana e francesa.



Conjunto Flor do Almonda, de Lapas: Rafael Fernandes, Joaquim Antunes, António Cambé, Francisco Paiva, José Flor Ribeiro, Sérgio Calado e Ramiro Duque, fins da década de 50 do século XX



Conjunto Ogiva, de Riachos: Luís Dias, José Manuel Simões, Manuel José Abreu, Alberto Grossinho, José Figueiredo, Luís Mota e Pedro Dias, finais da década de 70 do século XX

Ogiva

Fundado em Riachos cerca de 1973, integrando Manuel Abreu (guitarra), José Manuel Simões (guitarra), Carlos Mota (baixo), Luís Sousa “Catrino” (teclas) e Pedro Sousa [Dias] (bateria). Pouco depois, entrou Luís Mota (baixo) para substituir Carlos Mota. Os OGIVA tocavam versões, mas quiseram, numa época difícil, aventurar-se a tocar músicas próprias em português e inglês. Ficariam célebres, entre uma boa meia dúzia de composições, as canções “Pã duro” ou “She is in the air”, com letra de Manuel

Abreu, o virtuoso guitarrista do grupo. Em 1982 o grupo voltou novamente à atividade depois de anos de paragem, graças à iniciativa de Luís Sousa “Catrino” (teclas) e Luís Mota, que assumiu a responsabilidade da bateria, aos quais se juntaram Rogério Gonçalves (voz), João Caetano (guitarra) e António Mogas (baixo). Em 1985, e já sem nenhum dos fundadores, terminava a vida dos Ogiva.

Harém

Grupo constituído em Torres Novas por volta de 1971 para tocar versões pop/rock e vocacionado para as atuações em festas e bailes. Tinha na sua formação José Manuel Ferreira (guitarra e voz), Pedro Pedroso (bateria), António Damião (guitarra), Manuel Abreu (guitarra), Manuel Maria e Alfredo Moleiro (baixo). Assegurou o baile de finalistas da Escola Industrial de Torres Novas, em 1972. Em 1974 deixou a atividade.



Conjunto Harém, de Torres Novas: Pedro Pedroso “gaiola”, Manuel Abreu, José Manuel Ferreira, Alfredo Moleiro e António Damião, 1971

Supersónicos

Conjunto formado em Lapas, Torres Novas, em 1968. A primeira formação integrava Vítor Duarte “Xarepa” (voz), José Francisco Nicolau (bateria), mais tarde José Acácio Martins, Luís António Gonçalves “Beatle” (clarinete), Joaquim José Caranguejeiro (saxofone solo) e Manuel Maria (guitarra). Por este conjunto de Lapas, que durou cerca de dois anos e daria lugar ao AUDITÓRIO, passaram ainda músicos como Rogério Gonçalves, António Correia e José Manuel Brites.



Conjunto Supersónicos, de Lapas: Manuel Maria, Luís António “Beatle”, José Luís Nicolau e Vítor Duarte “Xarepa”, 1968

Síntese

Em finais de 1973 surgiu em Pedrógão, Torres Novas, o AGRUPAMENTO MUSICAL SÍNTESE, formado por Luís Lobo (organista), Manuel Vicente (vocalista e baterista), Alfredo Cândido (viola ritmo e solo) e José Luís Santos (baixo). Do repertório faziam parte músicas dos anos 60, brasileiras e portuguesas. Mais tarde, o grupo foi reforçado com José Carlos Leirião (teclas) e Carlos Martins “Pum” (bateria), ambos das Lapas. Assistiu-se depois à reestruturação do repertório com músicas dos Beatles, Bee Gees, Moody Blues, músicas portuguesas (marchinhas, fados, rapsódias), músicas de Cabo Verde e do Brasil. A fama do grupo foi-se espalhando e o grupo era presença assídua nos Carnavais da Nazaré, onde durante cinco anos tocou no Salão do Rancho Mar Alto, em concertos de 6 dias. Em Setembro de 1981, teve a sua última atuação na Festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens, em Pedrógão.



Conjunto Síntese, de Pedrógão: Alfredo Cândido, Luís Lobo, Carlos Alves “Pum”, Manuel Vicente, José Luís Tereso e José Carlos Leirião, finais dos anos 70 do século XX

Nayr

Conjunto fundado em 1968, em Riachos, inicialmente constituído por João do Carmo (“João da Vaca”), saxofone, José dos Reis, acordeón, Carlos Simões, bateria, e Joaquim Calado, vocalista. A par de alguma música mais moderna, o repertório inicial integrava temas “clássicos” da época (marchas, valsas e passo-dobles) para mais tarde, com a compra de aparelhagem elétrica e a entrada de José Manuel Lopes (guitarra), e de Vítor Serra, se aventurar pela música pop. Teve na sua formação uma vocalista, Helena Costa, à época caso único na região.



Conjunto Nayr, de Riachos: José Manuel Lopes, João do Carmo, Helena Costa, Vítor Serra e Carlos Simões



Conjunto Academia Pop, de Torres Novas: António Correia, José Manuel fanha, Jorge Pinheiro, José Vicente, Mário Abreu e José Simões, 1969

Academia Pop

Agrupamento pop-rock formado em Torres Novas em 1968 formado por Mário Abreu (viola ritmo), Jorge Pinheiro (voz), José Manuel Fanha (teclas), José Vicente (bateria) e José Simões (baixo). Tocava sobretudo versões dos Beatles e dos Beach Boys. Estreou-se na passagem de ano em Arganil e tinha Pedro Leal como manager. Durou pouco mais de um ano e resultou da saída de Mário Abreu dos Kalyfas.

Os Jotas

Primeiro conjunto marcadamente pop fundado em Torres Novas surgido em 1963. Era constituído pelos irmãos Jorge Gabriel e José Gabriel e ainda José Carlos Galamba. Tocava quase em exclusivo músicas dos Shadows e fazia apenas exhibições privadas ou com público muito restrito. Foram OS JOTAS que fizeram chegar a Torres Novas a primeira guitarra Fender Stratocaster, uma novidade absoluta para a época, mesmo em Portugal. Participaram, em Lisboa, no festival de ritmos modernos do cinema Roma, em 1963, ao lado de muitas das já consagradas bandas do panorama pop da capital.

Conjunto Fundação, de Meia Via: Manuel Ermitão Mendes, José Manuel, Luís Antunes e Constantino Formigo, 1971



Stromata Grupo

Conjunto formado em Riachos, Torres Novas, em 1972. Tendo durado pouco mais de um ano, daria lugar aos OGIVA. Era constituído por Pedro Santos (bateria), Carlos Mota (baixo), Luís Sousa (guitarra) e António Pereira Jorge (guitarra e voz). Eram todos estudantes, incluindo Pereira Jorge, que frequentava a escola profissional da CP.

Fundação

Grupo de versões pop-rock fundado em Meia Via, Torres Novas, cerca de 1971, por José Manuel Silva (guitarra ritmo), Luís Antunes (guitarra solo), Constantino Formigo (baixo), Ermitão Mendes (bateria) e, mais tarde, João Saruga (baixo). Estudantes quase todos, devem a sua existência à iniciativa de José Manuel Silva e Luís Antunes. Aproveitaram a aparelhagem de OS GRINGOS, cujos membros tinham sido mobilizados para a guerra colonial. A primeira atuação do conjunto meaviense realizou-se na sede da filarmónica da aldeia e a segunda em Vale da Serra. A FUNDAÇÃO durou até aos finais dos anos 70, percorrendo a região em festas e bailes. Ficou-lhes na memória atuação um baile de finalistas, em Vila Franca de Xira, em que tocaram ao lado dos Beatnicks, que alinhavam com uma muito jovem cantora que daria que falar, Lena d' Água.

Construtores de instrumentos musicais

Nos estudos musicológicos que recenseiam os construtores de instrumentos musicais em Portugal, em vários períodos históricos, constam, para finais do século XIX e início do século XX, duas oficinas no concelho de Torres Novas, uma mais antiga, na Zibreira, outra ligeiramente mais recente, na vila de Torres Novas.

António da Silva Aleixo nasceu a 2 de Outubro de 1878, em Zibreira. Em 1903, já exercia a profissão de carpinteiro, casou com Engrácia de Jesus Vieira, de Parceiros da Igreja. Na sua oficina, segundo se lê nos rótulos com que certificava os instrumentos produzidos por si, construía guitarras, violas, rebecas (violinos), rabeções, bandolins, cavaquinhos bandoletas, bandurras e violoncelos. Também restaurava instrumentos antigos e vendia cordas. Nos rótulos de certificação da oficina em Zibreira encontramos selos de uma presença de instrumentos seus na Exposição Internacional de Paris de 1900. Faleceu a 8 de Abril de 1930, com pouco mais de 50 anos.

Francisco de Freitas, o “campainheiro” (algunha resultante de o pai, António de Freitas, ter tido uma pequena oficina de fundição que fabricava campainhas), músico da formação inicial do conjunto Níger em 1955, era o outro construtor de instrumentos musicais referenciado no concelho. Teve oficina na antiga rua das Freiras, fabricava violas e guitarras, afinava pianos. Tocava vários instrumentos, nomeadamente viola, guitarra, bandolim, contrabaixo e saxofone. Deixou a atividade em meados do anos 70 do século XX.



Guitarra da oficina de Francisco Aleixo



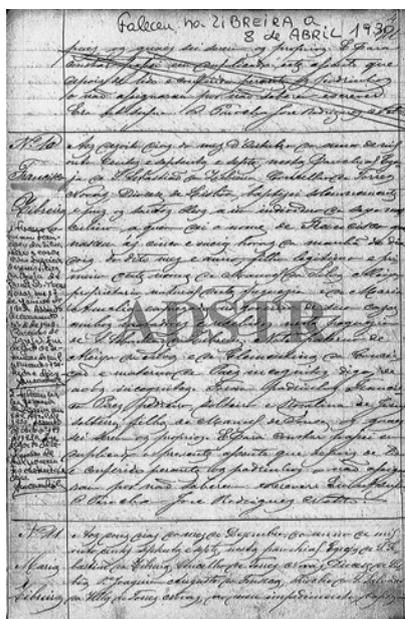
Francisco de Freitas “Campainheiro”



Rótulo/certificado da oficina de Francisco Aleixo – Zibreira



Rótulo/certificado da oficina de Francisco de Freitas – Torres Novas



Certidão de nascimento de Francisco Aleixo



Folha de sala

1 - Trompa

Alemanha – marca “Boèhme”
importado por Custódio Cardoso Pereira, Lda
utilizado pela Banda Operária Torrejana, anos
40/60 século XX
propriedade: Banda Operária Torrejana

2 - Fliscorne

França – Couesnon & Cie, Paris
importado por Custódio Cardoso Pereira, Lda
utilizado pela Banda Operária Torrejana, anos
40/60 século XX
propriedade: Banda Operária Torrejana

3 - Tuba

M. Guimarães, Filho e Cia Lda - Porto
utilizado pela Banda Operária Torrejana, anos
40/60 século XX
propriedade: Banda Operária Torrejana

4 - Cavaquinho

Fábrica de Instrumentos de Corda de José
António Miranda
Porto – fabricado c. 1940/50
MMTN 3652
doador: Carlos António Ribeiro, Torres Novas

5 - Cavaquinho

fabricante desconhecido, anos 70 do século
passado
cavaquinho tipo “boca redonda”
MMTN 3992
doador: João Carlos Lopes, Torres Novas

6 - Cavaquinho

fabricante desconhecido, anos 70 do século
passado
cavaquinho tipo “boca de raia”
MMTN 3516
doador: João Carlos Lopes, Torres Novas

7 - Adufe

Beira Baixa, fabrico artesanal
doação: João Carlos Lopes, Torres Novas
MMTN 3519

8 - Clarinete

utilizado pelo Rancho Folclórico de Torres
Novas, anos 50/60 séc. XX
MMTN 3651
doador: Carlos António Ribeiro, Torres Novas

9 - Viola

Oficina de Guitarras Duarte Costa - série
“Peneda”

Lisboa, fabricado c. 1950/60
MMTN 3522
doador: Joaquim M. Brites Moita, Alcorochel,
Torres Novas

10 - Banjolin

Fábrica de João Pedro Grácio
Lisboa - anos 50 do século XX
MMTN 3518
doador: João Carlos Lopes, Torres Novas

11 - Tambor
tambor de charanga popular
fabricante desconhecido, c. 1900
MMTN 37
doador: Alfredo Cardoso, Torres Novas

12 - Bandolim

Oficina de Instrumentos de Corda de August-
to Vieira
Lisboa - fabricado em 1913
MMTN 4174
doador: João Carlos Lopes, Torres Novas

13 - Bandolim

Pilade Maurri – Fabbrica di Instrumenti
Armonici
Florença – importado por Casa Sueca, Lisboa
MMTN 3724
doador: Maria Paula Lamas Caeiro, Évora

14 - Bandolim

loja de Joaquim José d’ Almeida
Lisboa – Marca Phebus, importado de Jero-
me Thibouville, Paris
MMTN 3520
doador: José de Abreu Lopes, Torres Novas

15 - Violino

Construído por Johann Traugott Glass
Alamania - cerca de 1870/1880
MMTN 3521
doador: José de Abreu Lopes, Torres Novas

16 - Concertina

concertina “Regal Melodeon”
Alemanha – c.1920
MMTN 3498
doador: Guilhermina Renta, Casal da Pinhei-
ra, Torres Novas

17 - Bandolim

Bandolim Yamaha de fabrico japonês
Importado por Custódio Cardoso Pereira,
Lisboa -1978

Utilizado pelo Grupo Cancioneiro, Torres
Novas, 1976-1980
MMTN 3520
doador: João Carlos Lopes, Torres Novas

18 - Viola Braguesa

oficina de Francisco Machado
Vimieiro, Braga – fabricado nos anos 80 do
século XX
MMTN 3517
doador: João Carlos Lopes, Torres Novas

19 - Guitarra

Guitarra eléctrica Watkins, modelo de 1962
Watkins Electric Music, Grã-Bretanha
usada por João Julião, músico dos Kalifas,
Torres Novas
propriedade: Zita Julião, Torres Novas

20 - Metrónomo

instrumento para marcar andamentos e
compassos
fabricado por Maetzel – Paris, início do
século XX
MMTN 3805
doador: AAMT-ADPNCRTN

21 - Cavaquinho

fabricado em Cabo Verde, anos 50 do século
XX, usado pelo músico Agostinho Benoiel,
do conjunto Niger, em meados da década de
60 do século XX, e nos anos 70 pelo grupo
Cancioneiro, de Torres Novas
propriedade de Dulce Lopes, Torres Novas

22 – Radio Phillips

Phillips Eindoven – Holanda
Modelo BX 18 U – 1948
MMTN 5779

23 - Rádio Garod

Garod Radio Corporation, Brooklyn (NY-EUA)
c. 1930/1940
MMTN 3986
doador: AAMT-ADPCNRTN, Torres Novas

24 - Banjo

fabricante desconhecido anos 20 do século
XX
usada por músico da Tuna da Meia Via
propriedade de José Lúcio – Meia Via, Torres
Novas

Exposição FICHA TÉCNICA

“Das filarmónicas aos conjuntos – a música
popular em Torres Novas (1854-1974)”, pa-
tente na galeria de exposições temporárias do
Museu Municipal de Torres Novas (MMCR),
entre 6 de Abril e 29 de Setembro de 2024

Concepção, design expositivo e maquete
João Carlos Lopes – Museu Municipal Carlos
Reis **Textos e investigação** João Carlos Lo-
pes **Suportes expositivos e arranjo de vitri-
nes** João Carlos Lopes **Montagem** João Car-
los Lopes **Execução gráfica** Norberto Triães
– GCI Gabinete de Comunicação e Imagem

Catálogo FICHA TÉCNICA

textos e maquetização João Carlos Lopes
execução gráfica Norberto Triães – GCI Ga-
binete de Comunicação e Imagem

Créditos fotográficos Filarmónica Riachen-
se, colecção de Joaquim Madeira; Tuna Meia-
viense e Filarmónica Meaviense, colecção de
José Lúcio Mendes; Rancho Folclórico de
Torres Novas, colecção de Carlos António Ri-
beiro; Filarmónica em Lapas, AHMT – fundo
Cipriano Trincão; Choral Phydellius, Niger 1,
Niger 2, Academia Pop e Kalyfas 2, colecção
particular de FDS; conjunto Harém, colecção
de Alfredo Moleiro; outras fotografias e ima-
gens, colecções particulares de João José
Lopes (Espanhol), José Ribeiro Sineiro e João
Carlos Lopes.

Bibliografia essencial

*Nós queremos ser artistas – Para uma his-
tória da música moderna em Torres Novas
(1945-1982)*, João Carlos Lopes, âmago da
questão, 2015; *Choral Phydellius – 50 anos
(1957-2007)*, Ana Maria Marques, Municí-
pio de Torres Novas, 2008; *As sete vidas da
Banda Operária*, João Carlos Lopes, âmago
da questão, 2013; *Sociedade Filarmónica
União Pedroguesa – Luzes e Sombras de
uma banda centenária*, Maria da Conceição
Geada, Município de Torres Novas, 2020; *En-
ciclopédia da Música em Portugal no século
XX*, Salva Castelo Branco, Temas e Debates,
2010; *Biografia do lé-lé*, Luis Pinheiro de Al-
meida, Documenta, 2014.